

AS CONTRADIÇÕES HISTÓRICAS DA ATIVIDADE TURÍSTICA NA COMUNIDADE TATUS (PI/BRASIL) REGIÃO DO DELTA DO PARNAÍBA

Amanda Maria dos Santos Silva
Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí
E-mail: amssphb@hotmail.com

Roberto Kennedy Gomes Franco
Doutor em Educação Brasileira
E-mail: kennedyfranco@hotmail.com

Francisco Samuel Lima dos Santos
Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí
E-mail: samu@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo analisar as contradições/experiências sociais existentes na comunidade Tatus, localizada na cidade de Ilha Grande do Piauí, na região do Delta do Parnaíba. Especificamente, analisar o fazer-se comunitário da região dos Tatus em negligência de educação política/relações sociais formadoras de consciência e ação crítico-reflexiva. Para tanto nos apropriamos da perspectiva do materialismo histórico dialético. O fio condutor da análise se processa metodologicamente no entrelaçamento de diversas fontes (orais e escritas). Em nossas análises da região estudada, a atividade turística é realizada sem a participação efetiva da comunidade local tanto no seu processo de planejamento quanto na execução das atividades, fato que dificulta o relacionamento com os turistas que a visitam e ocasiona, em nossas hipóteses, uma formação humana direcionada ao estranhamento e a ausência de engajamento político do público nativo. Referido distanciamento/estranhamento da população denota o processo de apropriação da atividade turística local pelas instâncias capitalistas de acumulação desigual de riquezas.

PALAVRAS – CHAVES: Educação. História. Turismo. Economia Política. Relações Sociais

INTRODUÇÃO

A região da Ilha Grande do Piauí, localizada no extremo norte do estado do Piauí, em especial a comunidade Tatus ganham destaque nacional e internacional por ser a entrada para o Delta do Parnaíba, único das Américas que deságua em mar aberto e o terceiro maior do mundo. Suas ramificações, braços formados pelo rio antes de encontrar o mar, desenham um arquipélago com mais de 73 ilhas, dunas, lagoas de água doce e uma floresta tropical de rica biodiversidade.

Conforme o contato¹ com a comunidade Tatus, percebemos que na região estudada, a atividade turística é realizada sem a participação efetiva da comunidade

¹ Durante nossa graduação em Turismo (UFPI) e a licenciatura em História (UESPI) realizamos intervenções investigativas na localidade em virtude da elaboração de ambas as monografias.

local tanto no seu processo de planejamento quanto na execução das atividades, fato que dificulta o relacionamento com os turistas que a visitam e ocasiona, em nossas hipóteses, uma formação humana direcionada ao estranhamento e a ausência de engajamento político do público nativo. Referido distanciamento/estranhamento da população denota o processo de apropriação da atividade turística local pelas instâncias capitalistas de acumulação desigual de riquezas.

Nestes termos, problematizamos o cenário em pauta ante algumas indagações: como a comunidade Tatus compreende/(re)significa as experiências de exploração e expropriação que vivenciam? Como as expropriações vivenciadas agudizam a forma de ser/viver da comunidade, uma vez que as condições materiais de existência são as mais precárias? Que aprendizado histórico é constituído diante de tais relações de subsunção? Que tipo de formação humana pode ser apreendida em meio a tais condições/contradições? Como a comunidade se faz ouvir (se é que se faz ouvir)? Que meios a população local utiliza para organizar-se (se é que se organiza)? Existem registros de lutas em torno da necessidade objetiva de melhoria de vida? Que sociabilidade constitui-se na vivência da extrema exploração do homem pelo homem no Delta do Parnaíba?

Beni (2007) aponta em seus estudos que a atividade turística tem a capacidade de movimentar mais de 50 segmentos da economia, com isso pode proporcionar o desenvolvimento sustentável de áreas com a configuração dessa prática e o engajamento dos núcleos receptores nessas atividades. De acordo com relatos dos que vivem do turismo na região dos Tatus, a quantidade de turistas que visita a localidade a qualifica como uma potencialidade do Estado. Todavia os lucros gerados por tal atividade não beneficiam os nativos que ficam à margem dos benefícios sociais, econômicos e principalmente do processo de planejamento da atividade turística.

O que pode ser encontrado em diversas áreas em que o turismo é desenvolvido e em especial na comunidade estudada é um preocupante descaso das esferas governamentais responsáveis por estruturar, desenvolver e planejar essa atividade. Tem-se, assim, a presença de empresas que ocupam o espaço para práticas comerciais e não desenvolvem formas de agregar a comunidade neste processo de produção.

Para além das belezas naturais e da biodiversidade do Delta do Parnaíba, é necessário dedicarmos atento olhar ao fazer-se² de homens e mulheres que no tecer de

² No sentido educativo e complexo do tornar-se humano pensado por Vygotsky (1998), ao tempo que este refere-se as diversas necessidades de ampliação de referências culturais, sociais e cognitivas da

suas existências, em nossa interpretação inicial do fenômeno, não vivenciaram formação humana/relações sociais pautadas na politização e conscientização.

Para construir nossas análises, foi utilizado como método o dialético proposto por Marx, que responde melhor as inquietações dessa pesquisa uma vez que,

O que a dialética faz de diferente é captar as estruturas da dinâmica social, não da estática. Não é, pois, um instrumental de resfriamento de história, tornando-a mera repetição estanque de esquemas rígidos e já não reconhecendo conteúdos variados e novos, mesmo que se reconheça não haver o novo total. (DEMO, 1987, p.91)

Esta abordagem metodológica ajuda para a pesquisa em história numa análise que relaciona a parte com o todo, pois, os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético – isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída – se são entendidos como partes estruturais do todo. (KOSIK, 2002, p. 44).

Nosso fio-condutor metodológico de análise, desta forma, intenciona estabelecer um elo entre o específico e o geral, entendendo que a região do Delta do Parnaíba insere-se na transnacionalização da atividade turística.

Essa análise tornou-se possível porque o método dialético “é contrário a todo conhecimento rígido: tudo é visto em constante mudança, pois sempre há algo que nasce e se desenvolve e algo que se desagrega e se transforma” (Andrade, 2010 p.121).

Dessa forma, o melhor caminho para analisar a situação da comunidade em estudo foi este, pois, podem ser vistos os fenômenos que ocorrem através da constante transformação que lhes são inerentes.

QUADRO TEÓRICO

Deve ser destacado que o desenvolvimento da atividade turística na Europa³ e em especial na Inglaterra se deu a partir da exploração do homem pelo homem no

humanidade, ou ainda na perspectiva de Gramsci (1989) de formação de uma competência intelectual coletiva voltada ao bem estar comum.

³ A atividade turística na literatura da área aponta como centro fundador a Europa devido a conotação comercial dada por Thomas Cook agente de viagem que desenvolveu os primeiros pacotes turísticos na Inglaterra, contudo, fluxos migratórios são recorrentes desde a era ágrafa tendo como princípios as relações de hospitalidade e ludicidade.

processo da Revolução Industrial. Este é um ponto importante, pois evidencia em nossa compreensão histórica, como se tornou central na lógica de mercado capitalista, o valor de troca da mercadoria atividade turística em detrimento ao valor de uso da ludicidade propiciada pelo ato de praticarmos o turismo em suas múltiplas possibilidades.

Em nossas análises, isto se processa porque ao longo da história a atividade turística transmutou-se em mercadoria “disponível” somente para aqueles que podem com seu dinheiro, pagar. Este processo de mercantilização da atividade turística se articula com a conceituação que Karl Marx (2005) propõe para o conceito de mercadoria. Na obra O Capital Marx afirma que a mercadoria é um produto que satisfaz necessidades humanas por meio da troca. Então quer dizer que pelo fato de possuir determinada utilidade, ela detém um *valor de uso* e por possuir a propriedade de servir como meio de troca, possui *valor de troca*.

Isto porque para Marx (2005) a mercadoria trata-se de um objeto que mediante suas propriedades materiais possui a propriedade de satisfazer as necessidades materiais dos seres humanos. Essa característica é conhecida como valor de uso. Os seres humanos produzem riqueza com o objetivo de satisfazer suas necessidades, seja de forma direta (meio de subsistência) ou indireta (meio de produção). Com isso Marx (2005) afirma que “os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta.” (Marx, 2005, vol. I, p.46). Associado a isso, a mercadoria também possui a propriedade de poder ser trocada por mercadorias distintas de si próprias, ou seja, de comprar outras mercadorias, essa característica é conceituada como valor de troca. O valor de troca da mercadoria está relacionada a quantidade de tempo que o trabalhador gasta para produzi-la. Dessa forma, conforme Marx (2005), dialeticamente a mercadoria pode ser definida como uma riqueza mercantil, que simultaneamente possui valor de uso e valor de troca.

Historicamente, em análise ao nosso objeto de estudo, tal fato evidencia-se em decorrência da mercantilização da atividade turística, isto porque na sociabilidade do capital quase tudo vira mercadoria. Elementos estes que objetivamos aprofundar ao longo do desenvolvimento de nossa dissertação, intencionando analisar as contradições sociais da atividade turística existentes na comunidade Tatus.

Desta forma, mais uma vez nos aproximamos de Marx, quando afirma que na sociabilidade do Capital:

Tudo aquilo que tu não podes, pode o teu dinheiro: ele pode comer, beber, ir ao baile, ao teatro, saber de arte, de erudição, de raridades históricas, de poder político, pode viajar, *pode* apropriar-se disso tudo para ti; pode comprar tudo isso; ele é a verdadeira *capacidade*. Mas ele, que é tudo isso, não *deseja* senão criar-se a si próprio, comprar a si próprio, pois tudo o mais é, sim, seu servo. (2004, p. 142)

Podemos, assim, constatar uma transformação nas principais conotações dadas a atividade turística que são forjadas com a sistematização de serviços, as linhas que definiriam o turismo moderno enquanto gerador de divisas e de lucros, conotações que não eram dadas durante a antiguidade clássica ou mesmo no medievo (REJOWSKI,2004).

Dessa forma o desenvolvimento da atividade turística em áreas anteriormente não exploradas, fez com que surgisse nos núcleos receptores de turismo um maior interesse com relação à distribuição dos lucros gerados com essa atividade a fim de melhorar a qualidade de vida das comunidades autóctones⁴. Contudo ocorre o que apontou Coriollano onde “o desenvolvimento do turismo está frequentemente associado à esfera da economia, onde dificilmente faz-se referência ao aspecto social, do qual chamamos de qualidade de vida”. (p.362)

Para entendermos as intenções da presente pesquisa algumas categorias devem ser explicitadas para possibilitar um maior entendimento acerca da problemática proposta, a principal delas e a categoria comunidade, que segundo Barreto (2004) pode ser um agrupamento de pessoas a partir de critérios geográficos, de limites territoriais, da cultura compartilhada, das funções sociais entre outros. Contudo, utilizaremos na pesquisa a definição, dentre outras que surgirão com a orientação, a de Beni, que caracteriza como a “comunidade estável, receptora de importantes grupos em mobilidade: os turistas de todo tipo (estrangeiros ou nacionais, por motivos de suas férias ou deslocamentos de fins de semana e feriados longos)”. (2007, p.85)

Dessa forma houve uma busca por relatos que demonstrassem como o turismo é desenvolvido e aproveitado por essa comunidade, assim, em nossa pesquisa social, voltamos nossa atenção aos

[...] indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas, como produzidas por sua própria ação. Estes pressupostos são, pois, verificáveis por via puramente empírica”. (MARX E ENGELS, 1982, 26-27).

⁴ Comunidade Nativa.

Podemos citar casos em que a atividade turística causa uma série de incômodos à comunidade receptora como demonstra Pellegrini:

Um caso brasileiro é o da alta ocupação da faixa urbana junto às praias em Santos (SP), durante os dias de alta estação no verão, provocando visível queda na qualidade de vida da população local e para os próprios turistas – desabastecimento de água e de gêneros alimentícios, filas, trânsito congestionado, violência urbana, poluição principalmente nas mais procuradas praias. (1997, p.136)

Dessa forma fica evidenciado que o turismo seria uma desgraça e/ou um benefício para as comunidades locais (DAMATTA, 1997) porque na maioria das vezes a atividade turística é desordenada e ocorre o que afirma Beni,

o grupo social receptor de turismo, isto é, os habitantes estáveis de um núcleo receptor, sofrem muitas vezes uma autêntica colonização econômica e são encarados como joguetes de poderosos e levianos interesses ocultos (2007, p.87)

Durante as entrevistas pudemos perceber que existe uma insatisfação relacionado ao desenvolvimento do turismo na localidade, apesar de seus atrativos naturais e da propaganda positiva que é feita acerca do delta do Parnaíba, pois eles não conseguem enxergar nenhuma vantagem gerada por essa atividade. É o que afirma o membro da associação das marisqueiras

[...] eu sou contra esse bando de turista que vem pra cá, porque eles não gastam nada aqui, ninguém trabalha direto com eles, é só gente de Parnaíba e além do mais a única coisa que eles deixam pra gente é o lixo que o pessoal tira do barco e o que eles jogam dentro do rio quando eles vão no passeio. [...] desse jeito quem é que quer ter turista visitando seu lugar, se eles vem aqui e só fazem raiva pra gente.

Com o controle do processo de desenvolvimento do turismo pelo Estado e por grandes grupos empresariais as comunidades acabam por não se beneficiar com os lucros gerados pela atividade o que acaba tornando difíceis as relações entre eles e os turistas, o que segundo Barreto,

[...] propicia a exploração, o engano, a hostilidade e a desonestidade que são moeda corrente na relação entre turistas e população local

justamente porque nenhuma das partes envolvidas se sente comprometida com as consequências da sua ação. (1997, p.5).

Uma vez incorporada aos núcleos receptores à premissa do turismo enquanto fator de geração de riquezas movido pela lógica capitalista acaba predominando e os turistas em diversas dessas comunidades acabam sendo vistos como um mal necessário.

Durante entrevista concedida em sua mercearia um comerciante local⁵ afirma,

O turismo aqui não tem futuro não minha filha, porque o turista chega aqui de carro, não compra nada e vai direto pro barco passear, quando ele chega aqui de volta ele não faz mais nada e só vai pra casa. [...], é muito difícil alguém daqui trabalhar com “os turista”, porque quem trabalha com eles vem de Parnaíba, só chamam alguém daqui de vez em quando, mas só quando tem muita gente pra conhecer o Delta.

A situação é ainda mais agravante uma vez que as condições de vida da comunidade são as mais precárias, não existe uma infraestrutura básica para o desenvolvimento pleno dos moradores, o que nos mostra uma situação similar a vivenciada por Engels durante seus registros sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra, onde

[...] a guerra é de todos contra todos. É aqui explicitamente declarada. [...], cada um explora o outro e o resultado é que o mais forte pisa no mais fraco, isto é, os capitalistas se apropriam de tudo, enquanto aos muitos fracos, aos pobres, mal lhes resta apenas a vida.(2008,p.68)

Dessa forma fica clara a importância da população, fato ainda não percebido na comunidade que se pretende pesquisar, no processo de desenvolvimento e de consolidação do turismo, para que desde o início da atividade turística no seu território, haja a consciência⁶ desses atores para os limites e as possibilidades do sucesso ou fracasso dessa atividade a fim de se evitar esse tipo de comportamento entre população e turistas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

⁵ Para preservar a identidade do entrevistado optou-se por identificá-lo como comerciante A.

⁶ Consciência essa constituída a partir o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do "conjunto de suas relações sociais", com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural. (THOMPSON, 2001)

A partir da pesquisa realizada, pôde-se perceber que a falta inclusão da comunidade se transforma em um entrave para o pleno desenvolvimento da comunidade uma vez que não existe uma atuação efetiva no processo de planejamento da atividade turística dessa forma ela não se reconhece enquanto protagonista do turismo na região.

Para que exista maior efetividade da participação da população local tanto no processo de planejamento quanto no usufruto dos benefícios gerados pela atividade turística, torna-se necessário o acesso em um primeiro momento a educação pública gratuita e de qualidade o que atualmente não é encontrado na cidade⁷, para que seja dado o primeiro passo para que a comunidade consiga sua autonomia como aponta Paulo Freire (2000) uma vez que a educação deve ter como finalidade ser utilizada como instrumento de libertação do povo oprimido, sendo vista dessa forma a educação como uma ação política.

Em virtude disso, entende-se que as relações estabelecidas entre a comunidade Tatus e a atividade turística ainda não ocorrem de forma efetiva devido à falta de participação da comunidade na atividade turística, o que nos levou a investigar as causas que caracterizam essa situação, foi possível perceber que o principal fator que torna essa realidade possível é a posição de coadjuvante ocupada pela comunidade no processo de organização e participação na atividade turística que é desenvolvida na localidade, delegada a esferas privadas exógenas a comunidade.

Isto se concretizando, terá sido alcançado um dos objetivos desta pesquisa, contribuir para uma produção historiográfica que apresente de que formas se dá o processo de desenvolvimento da atividade turística e para, além disso, de que formas as relações estabelecidas na sociabilidade do Capital afetam aqueles que têm na mesma uma expectativa de mudança social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁷ Segundo o IBGE (2010) 37,8% da população da cidade de Ilha Grande do Piauí é analfabeta

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2010. 10ª ed.
- BARRETO, Margarita. **Relações entre Visitantes e Visitados: um retrospecto dos estudos sócio antropológicos**. Revista turismo em análise, Vol. 15, n. 2, nov. 2004, p.133-149.
- BARRETO, Margarita. **Manual de Introdução aos Estudos do Turismo**. São Paulo: 1998 Papyrus.
- BARRETO, Margarita. **Planejamento e Organização do Turismo**. São Paulo: Papyrus, 2000.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 3ed.
- BENI, M. **Análise Estrutural do Turismo**. 12ª ed. rev. SENAC/São Paulo, 2007
- COOPER, Chris. **Turismo Princípios e Práticas**. Porto Alegre: Bookman, 2007. 3ed.
- CORIOLOANO, Luzia Neide. **Turismo com Ética**. Fortaleza: FUNECE, 1988.
- CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2000.
- DAMATTA, Roberto. **Turismo a Contra Gosto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- DEMO, Pedro. **Introdução a Metodologia da Ciência**. São Paulo: Atlas, 1987.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, 15ª Ed., Paz e Terra, S. Paulo, Rio de Janeiro, 2000.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. <http://www.ibge.gov.br>
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e viagens**. RJ: Civilização Brasileira, 1989.
- MARX K.; O Capital: crítica da economia política. Livro I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 22ª ED. Ed.: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2004; Vol. I.
- MARX K.; O Capital: crítica da economia política. Livro I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 20ª ED. Ed.: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005; Vol. II.
- MARX, Karl . **Manuscritos Econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri, São Paulo: Boitempo: 2004.
- MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. Karl Marx e Friedrich Engels; [introdução de Jacob Goreneder]; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. – São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos).
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em www.ebooksbrasil.com
- MOREIRA, Aldenora Mendes; MAVIGNIER, Diderot dos Santos. **Conhecendo História e Geografia do Piauí**. Piauí: Gráfica Ferraz, 2007.
- REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável**. São Paulo; Papyrus, 1997.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007. 23ª ed.
- SOARES, Edvaldo. **Metodologia Científica: Lógica, Epistemologia e Normas**. São Paulo: Atlas, 2003.
- THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Vol 1 A árvore da liberdade

TOSQUI, Patrícia. **Uma Breve História do Turismo**. Dialogando com o Turismo. v.1, n.4, p.35-42. Nov.2007.